

Resumo. É pouco conhecido o pensamento de Anselmo de Cantuária a respeito da questão do mal, se comparado ao argumento para provar a existência de Deus, chamado de argumento ontológico pela filosofia posterior. A questão do mal é abordada a partir do pecado do anjo rebelde, que por um ato de sua vontade, afastou-se de Deus. Anselmo não possui um tratado sobre os anjos, como Tomás de Aquino, nem um pensamento elaborado sobre esse tema, como Suárez, mas escreveu uma obra em forma de diálogo intitulada *A queda do diabo*, na qual apresenta a sua posição sobre a origem e natureza do mal. Deus criou o anjo livre a fim de que gozasse da eterna beatitude, mas ao não perseverar na sua vontade justa, abandonou e afastou-se da justiça na qual tinha sido criado. O breve relato desse drama inicial do pecado angelical guarda uma dificuldade, talvez um mistério, que será pontuado ao longo da reflexão anselmiana: por que uma criatura puramente espiritual –na qual nem o erro nem a ignorância pertencem ao funcionamento de sua inteligência– pôde pecar e afastar-se de Deus? Em sua escolha não há falha ou desvio da inteligência; ele escolheu o mal por um ato puro de sua vontade. Esperamos ser possível mostrar que a reflexão de Anselmo acentua como determinante da ação do pecado, o exercício de uma vontade livre, causa própria de seu agir. Ao destituir qualquer essencialidade do mal, veremos que cabe à linguagem atribuir ao mesmo tempo o ser e sua negação. O mal considerado na esfera do dizer –do *usus loquendi*– é a única forma pela qual ele pode ser, em certa medida, inteligido. Dois pontos serão abordados neste artigo: a) a vontade desordenada do anjo, e b) a significação dos termos negativos mal e nada.

Palavras-chave: Mal - Vontade - Felicidade - Liberdade - Ética.

